



Cientistas da Universidade de Coimbra ganham bolsas europeias no valor de 4M€

Paulo Rocha e Bárbara Gomes, cientistas da Universidade de Coimbra (UC), acabam de ser contemplados com bolsas "Starting Grant" do European Research Council (ERC), no valor de quatro milhões de euros.

Paulo Rocha, do Centro de Ecologia Funcional da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC), recebe 2,2 milhões de euros para concretizar o projecto "Green - Generating Energy from Electroactive Algae", que visa a geração de energia limpa e sustentável através da comunicação entre algas.

Para o investigador, este projecto, com a duração de cinco anos, "alinha-se no desenvolvimento de uma nova fonte de energia limpa, de baixo custo, com vista a minimizar significativamente os custos de electricidade, o uso de combustíveis fósseis e emissões de dióxido de carbono".

Paulo Rocha, que expressa um "orgulho imenso de ter sido seleccionado num dos programas mais competitivos do mundo da ciência. E, também, um orgulho por poder desenvolver este projecto em Portugal, na Universidade de Coimbra", revela que a atribuição desta bolsa europeia vai permitir a criação de um laboratório de renome mundial em Bioenergia e Bioeletrónica.

Por seu turno, Bárbara Gomes, docente da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra (FMUC), obtém 1,8 milhões de euros para realizar um estudo inovador sobre as experiências dos cidadãos em relação ao local onde preferem morrer e onde realmente morrem, intitulado "EOLinPLACE - Choice of where we die". A investigação será desenvolvida em quatro países com realidades contrastantes - Portugal, Holanda, Uganda e Estados Unidos.

Este projecto, que irá contribuir para aumentar a humanização e qualidade na prestação dos cuidados de saúde em fim de vida, "ambiciona transformar a forma como classificamos e entendemos os locais onde as pessoas são cuidadas no final da sua vida e onde acabam por morrer. Vamos refinar as classificações actuais, que são incompletas e inconsistentes entre países, como, por exemplo, a classificação de local de morte que é utilizada nos certificados de óbito. Vamos também deslocar o foco da nossa atenção do derradeiro local de morte para a trajectória individual de fim de vida que o antecede, o que acreditamos ajudará a perceber melhor o que leva as pessoas a morrer onde morrem", afirma Bárbara Gomes, investigadora do Centro de Inovação em Biomedicina e Biotecnologia (CIBB) da Universidade de Coimbra.

Com o financiamento do Conselho Europeu de Investigação agora obtido,



Um dos projectos visa a geração de energia limpa e sustentável através da comunicação entre algas e o outro incide sobre as experiências dos cidadãos em relação ao local onde preferem morrer e onde realmente morrem

a equipa liderada por Bárbara Gomes, que reúne investigadores de várias áreas - medicina, enfermagem, estatística e psicométrica, psicologia, sociologia, antropologia, economia e investigação em serviços de saúde -, vai desenvolver estudos qualitativos e quantitativos nos próximos cinco anos, trabalhando lado a lado com "representantes de doentes e das suas famílias, e seguindo pessoas com doenças potencialmente fatais ao longo do tempo, com o objectivo de criar uma base científica sólida para uma classificação internacional contemporânea e pioneira que permitirá mapear os locais onde as pessoas preferem ser cuidadas e onde são realmente cuidadas. Assim, conseguiremos capturar a diversidade de trajectórias individuais de fim de vida e possibilitar escolhas".

Sobre o impacto que esta investigação poderá ter nos cuidados de saúde em fim de vida, a também investigadora do King's College London acredita que, "num mundo em transformação, com cada vez mais necessidade de



bons cuidados de fim de vida e paliativos, ampliados no presente contexto pandémico, e com recursos limitados, este projecto abrirá novos rumos para cuidarmos melhor dos que estão prestes a deixar-nos, por motivo de doença progressiva e incurável, sejam eles adultos, adolescentes ou crianças. Com novo conhecimento sobre trajectórias individuais de fim de vida e com uma classificação internacional que poderá ser utilizada para planear os cuidados e monitorizar resultados em saúde, ajudaremos as pessoas a ser cuidadas, a viver e a morrer onde preferem estar".

Para a Vice-reitora da UC responsável pelo pelouro da investigação, Cláudia Cavadas, estas duas bolsas europeias "vão reforçar e potenciar a investigação de excelência na UC. Ao longo dos anos, o financiamento do ERC tornou-se numa referência internacional no apoio aos cientistas que desenvolvam investigação de excelência e que cruza fronteiras e diferentes áreas do conhecimento. A investigação ERC é também essencial para superar os desafios sociais presentes e futuros. Assim, dada a relevância deste tipo de projectos de investigação, a Reitoria da UC elegeu como uma prioridade e reforçamos o apoio às candidaturas ao ERC com a iniciativa ERC@UC, em que damos treino e acompanhamento aos investigadores para terem uma candidatura de sucesso e criamos condições de acolhimento muito interessantes".

O Conselho Europeu de Investigação foi criado em 2007 pela União Europeia para financiar cientistas de excelência. As bolsas "ERC Starting Grants" são destinadas a cientistas em início de carreira, possibilitando-lhes formar grupos de trabalho e desenvolver projectos em diferentes áreas científicas.